

EU, ÍNDIO

Antônio Augusto Fagundes

Não se enganem com a casca,
 Com o falar caprichado,
 Com o anel de doutor.
 Não.
 A casca não importa. O cerne, sim.
 Há um índio ancestral
 - guarani, pela mãe, charrua, pelo pai -
 Dentro de mim.
 Estes olhos atentos, desconfiados,
 Esta pele de bronze que me cobre,
 Este cheiro de mato e de capim
 Isto é índio, no mais,
 Porque eu sou índio,
 Eu nasci índio e vou morrer assim.

El soldado oriental Narciso Fagundez]
 Echó las ñanduceras de los ojos
 A la indiacita oscura y grave
 Con dibujos rituales por la cara
 En una tolderia charrua em Paysandu.]
 La pidió y la llevó.
 Después la bautizó
 En la capilla blanca de los curas
 Con el nombre cristiano y portugués de Señoriña]
 Y se casó.
 Ellos serán los padres
 De Juan Bautista Fagundez,
 Nacido oriental y luego brasileño,
 Pai do meu pai - o meu avô.

O indiozinho veio num petiço
 Acompanhando o oficial de Caçapava]
 Que voltava da guerra vitorioso
 Cozido de lançaços e medalhas.
 Nunca disse o seu nome guarani.
 Tomou o nome branco do padrinho]
 - Manoel Pedroso da Silveira -
 E virou peão de estância e capataz.
 Che mbiá chondaro
 Che aikó Chaco Paraguay py!
 Dizia, com orgulho.
 Roubou a única filha do patrão,
 A moça Filisbina da Rosa
 E fugiu para o Uruguai
 Com rosa e tudo.
 O índio Maneco e Filisbina
 Serão os pais de Flora
 A mãe da minha mãe - a minha avó.]
 E aqui estou eu, charrua e guarani.
 São charruas o chiripá e a boleadeira,]
 São guaranis o pala bichará, a Lança de Sepé]
 E o mate. Ah, o mate!
 A essência verde da terra que é meu berço,]
 Que é meu chão,
 Meu limpo orgulho campeiro,
 Minha fé, minha paixão.